

EXPOSIÇÃO DE OURIVESARIA PORTUGUESA EM VIANA DO CASTELO

De 18 a 22 de Março de 1997 decorreu na Fundação Dr. António Cupertino de Miranda, no Porto, o leilão da Biblioteca de Artur de Sandão, realizado pela *In-Libris*, tendo para isso sido elaborado um magnífico catálogo pelo mui sabedor e distinto livreiro alfarabista Manuel Ferreira. Nele figurava o lote número 889, descrito como um “conjunto de 26 pastas contendo numerosos exemplares de revistas, jornais e recortes, antigos e modernos, tratando os mais variados assuntos; cartazes de exposições, fotografias de peças antigas da colecção de Arthur de Sandão; material de exposições próprias e alheias”. A pasta número doze, continha elementos sobre a *Exposição de Ourivesaria Portuguesa*, realizada nos Antigos Paços do Concelho de Viana do Castelo, de Dezembro de 1967 a Janeiro de 1968. (Figura 1)

Artur de Sandão foi vereador do Pelouro da Cultura e director do Museu e Biblioteca Municipais de Viana do Castelo. Sobre ele escreve Álvaro de Moura Bessa, da Livraria Civilização, do Porto, em texto inserido numa das primeiras páginas do catálogo editado sobre esta Exposição: “Arthur de Sandão era uma personalidade singular, difícil de esquecer pelo seu espírito, delicadeza, fino trato e pela grande amizade com que sempre nos distinguiu. Conhecemo-lo em 1962 quando era director do Museu Municipal de Viana do Castelo, onde deixou bem vincado o valor dos seus conhecimentos de coleccionador de Arte, - pela forma como reorganizou o referido Museu, classificou e destacou as peças de maior valia”.

Sobre as razões que nortearam a realização desta Exposição, remetemos o leitor para a carta enviada por Artur de Sandão, em 24 de Maio de 1967, ao Dr. José de Azeredo Perdigão, Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, a pedir apoio para a sua realização e edição do respectivo catálogo. (Figura 2) Por ela ficámos a saber que não tendo sido possível realizar a Exposição durante a II Semana de Música, era desejo de a tornar uma realidade, coincidindo com a III Semana de Música, a realizar em Setembro de 1967, o que como sabemos não se verificou, uma vez que a sua abertura só veio a acontecer em Dezembro desse ano.

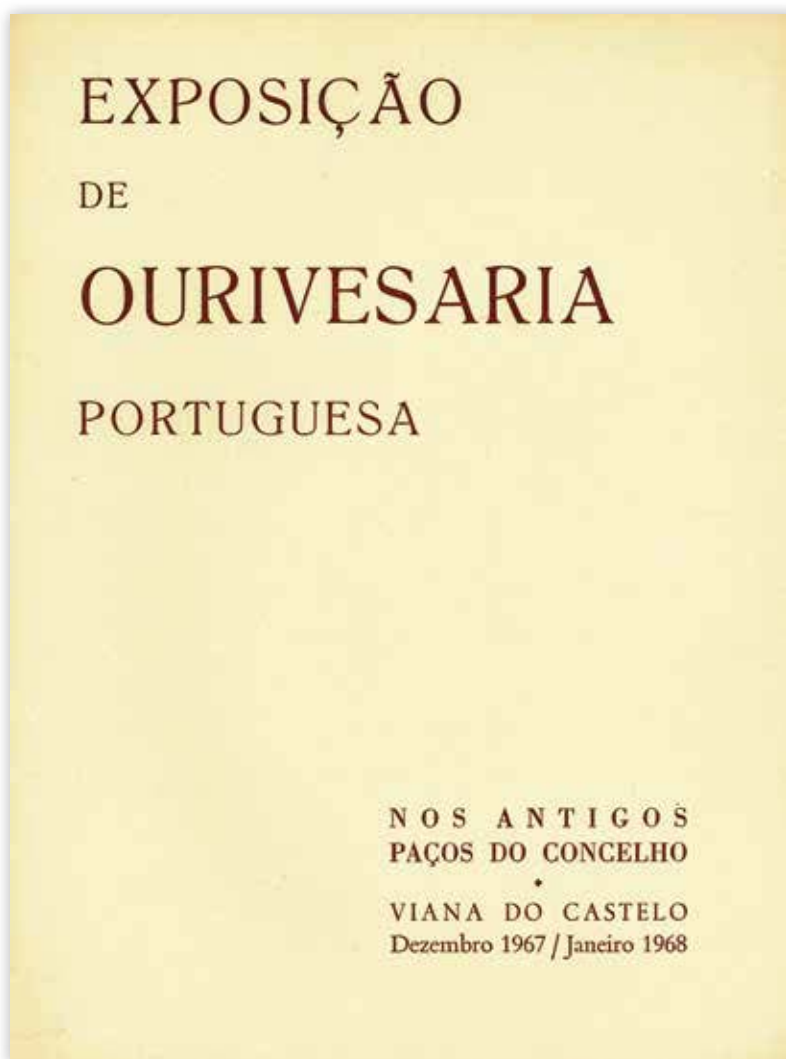


Fig. 1 - Cartaz da Exposição de Ourivesaria Portuguesa, em Viana do Castelo (Antigos Paços do Concelho), Dezembro 1967 / Janeiro 1968.

Exm^o. Senhor
 Dr. José de Azeredo Perdigão
 M.I. Presidente da
 Fundação Calouste Gulbenkian
 Avenida de Berna
 LISBOA - 1

Os melhores cumprimentos com os prote-
 tos da mais elevada consideração por V.Ex^a acom-
 panham o motivo deste officio.

No decurso da II SEMANA DE MÚSICA não
 foi possível integrar a desejada Exposição de
 Pratas, como complemento cultural daquele acon-
 tecimento, pelo facto — antão demonstrado ao
 Sr. Dr. Rúbem Leitão — de tal certame exigir
 uma prévia e longa preparação que, na oportuni-
 dade, a escassez de tempo não permitia.

Para expor pessoalmente isto mesmo, af-
 fozos há dias — o signatário e o Exm^o. Sr. Pr-
 sidente da Câmara. Mas, como não tivemos ense-
 jo de falar com V. Ex^a. e se impunha o nosso re-
 gresso imediato, tomo a liberdade de, por este
 meio, perguntar se será realizável este ano essa
 iniciativa, para a qual, claro está, se cusa ap-
 licitar o indispensável apoio financeiro da Fun-
 dação Gulbenkian.

Cuso também sugerir, como facto rele-

vante, que a inauguração da mesma seja feita com
 a presença de V. Ex^a. e de Sua Excelentíssima
 Esposa, apadrinhando, digamos assim, a finali-
 dade da iniciativa.

A linha geral da referida Exposição, a
 coincidir com a III Semana de Música, será exi-
 bir o património sumptuário da região, consti-
 tuido, não só por alfaias religiosas que desde
 a Exposição de Arte Ornamental levada a efeito
 nesta cidade em 1896 não voltaram a patentear-
 -se, mas também por valiosas peças profanas, de
 particulares, verdadeiramente desconhecidas do
 público.

A circunstância relativa a umas e ou-
 tras, promovia, a par do significado documental
 das pratas portuguesas, uma útil revelação da
 sua existência, evitando possíveis perdas ou ex-
 travios que a ocultação, confidenciosas, muitas
 vezes faculta.

A Exposição incorporará espécimes dos
 séculos XVI a XIX da prataria sacra e profana,
 muito representativos de cada ciclo artístico e
 em número suficiente para condignamente mere-
 cer o apoio da Fundação Gulbenkian. Nem doutra
 sorte me arrojará a solicitar o patrocínio de
 V. Ex^a.

Como sumário esclarecimento, incluo a
 planta do edificio dos antigos Paços do Conce-

lho, onde a Exposição terá lugar, gisando na mes-
 ma a provável disposição de vitrinas e decora-
 ção, tudo sujeito, como é natural, às alterações
 que a melhor ordem estética e cronológica aconselhem.

Para ocorrer às despesas, que a Câmara
 comparticipará, incluindo a mais vultosa, que é
 a indispensável edição de um catálogo descritti-
 vo e devidamente ilustrado com a inserção do mai-
 or número de peças em gravura a negro e em qua-
 drioromia alguns espécimes que o mereçam, cuso
 sugerir o auxílio de 45 mil escudos.

A impressão do catálogo será de 1 000
 exemplares, 100 deles especiais e numerados, pa-
 ra oferta a personalidades de maior categoria,
 expositores e entidades a quem seja devida essa
 atenção.

Se a annúncia de V. Ex^a. permitir dar
 seguimento a esta iniciativa, oportunamente se
 justificarão os pormenores de custo indispensá-
 veis.

Para tanto e como o tempo urge, muito
 grato ficarei em obter a mais breve resposta de
 V. Ex^a., até porque é imprescindível obter, quan-
 to antes, da autoridade arquiépiscopal as faci-
 lidades para a cedência das peças sob sua jurisdic-
 ção.

Nesta conformidade e com a maior consi-

deração, tenho a honra de me subcrever.

A bem da Nação
 Viana do Castelo, 24 de Maio de 1967

O DIRECTOR DO MUSEU,

(Artur de Sandão)

COMO A IMPRENSA VIU A EXPOSIÇÃO

Diversos jornais editados em Lisboa, no Porto e os vianenses, *A Aurora do Lima* e *Notícias de Viana*, foram noticiando esta Exposição desde a sua abertura até ao seu encerramento. *O Primeiro de Janeiro* de 20 de Dezembro informava que nesse dia, pelas 21-30 horas, seria inaugurada a Exposição de Ourivesaria nos antigos Paços do Concelho, destacando que “a quantidade, a diversidade e o valor dos objectos expostos, recrutados hábil e pacientemente pelo director do Museu Municipal desta cidade, nas igrejas, nos templos antigos e nos espólios de casas nobres da região e do País, conferem a este valioso certame artístico uma importância que transcende a vulgaridade. O seu principal obreiro, sr. Artur de Sandão, antigo jornalista, escritor e antiquário de largos merecimentos, soube englobar, numa simples exposição, mimos ou relíquias de cinzelagem da ourivesaria portuguesa”. *O Comércio do Porto*, do dia seguinte, relata que o Governador Civil do distrito, dr. Alfredo Pinto, inaugurou a Exposição, tendo à sua espera na entrada do histórico edifício o Dr. Luís Monteverde, Presidente da Câmara, Artur de Sandão, entidades oficiais e muitos convidados, entre outros. Destaca que “as valiosas obras expostas compreendem peças de ourivesaria religiosa e profana, e são de valor incalculável, se bem que para efeito de seguro, houvesse que ser-lhes atribuído o valor de cerca de 5 000 000\$00. Compreende 117 lotes com cento e quarenta peças, dispostas em elegantes e modernas vitrinas mandadas fazer expressamente para esta exposição, mas que ficarão – segundo cremos – no salão dos Paços da Cidade para futuros e idênticos acontecimentos desta natureza”. Na mesma data, *O Notícias de Viana* faz referência à inauguração da Exposição, que teve o patrocínio da Fundação Calouste Gulbenkian e que a Câmara Municipal organizou, por intermédio de Artur de Sandão. Refere, para além dos citados anteriormente, a presença do Monsenhor Daniel Machado, Vigário

Episcopal, Padre Constantino Macedo de Sousa, Vice-Presidente da Junta de Distrito, Dr. António Brochado, Delegado do I.N.T.P., Reitor do Liceu, Comandante do Batalhão de Caçadores n.º 9, Vereadores Municipais, diversos expositores e muito público. A visita das entidades oficiais foi guiada por Artur de Sandão que prestou esclarecimentos quanto à origem, proveniência e propriedade das diferentes peças expostas.

O jornalista vianense Severino Costa, em *O Comércio do Porto*, de 22 de Dezembro, escreve que “Artur de Sandão, quer organizando a exposição, quer escrevendo o texto do seu magnífico catálogo, acaba de prestar a esta terra, que não é a sua, um serviço inestimável. A Exposição em si, é uma revelação para todos nós, não somente no fausto de uma riqueza sem preço, como no aspecto cultural e artístico. O catálogo, fornecendo-nos a biografia das peças expostas, os seus estilos, a sua temática, a sua descrição, idade, a sua nobreza, enfim, é um pequeno tratado sobre ourivesaria artística, que todos os estudiosos e os que se interessam pela cultura, devem guardar no melhor lugar da sua estante. (...) Na exposição agora facultada aos vianenses e a todos os visitantes – patente até 20 de Janeiro de 1968 das 14,30 às 19,30 – teremos oportunidade de admirar peças de arte, religiosa e profana, que doutro modo nunca conheceríamos. É que não se trata de um museu, em permanente exposição; trata-se de peças que, ou estão em poder das confrarias e igrejas, ou são avaramente guardadas pelos seus possuidores; por isso, maior valor tem este extraordinário sucesso. (...) Assim, a exposição tem, além de tudo o mais, um aspecto visual aliciante, de encantar os olhos. Não há densidades; há leveza, há perspectiva, os olhos não necessitam de ginástica que leve ao espírito a integral beleza do conjunto. Foi muitíssimo feliz o distinto e culto organizador da Exposição. Nunca teremos palavras para lhe testemunhar o nosso apreço e a nossa gratidão”. Também o jornal de Lisboa *O Diário da Manhã*, da mesma data, noticiava que a Exposição “constitui na verdade um importante acontecimento artístico de projecção não só na região como em todo o País. Na verdade, o Sr. Artur de Sandão antigo jornalista, escritor ainda recentemente galardoado com o Prémio José de Figueiredo – 1966, da Academia Nacional de Belas-

Página à esquerda: Fig. 2 - carta enviada por Artur de Sandão, em 24 de Maio de 1967, ao Dr. José de Azeredo Perdigão, Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian.

-Artes, antiquário e crítico de reconhecido valor, conseguiu reunir um núcleo de peças de grande interesse artístico, algumas delas nunca expostas e outras que não eram apresentadas em público há muito tempo que nos dão uma ideia da ourivesaria portuguesa”. O *Primeiro de Janeiro*, ainda do dia 22, noticiava: “Exposição brilhante sem favor e sem lisonja, ela reúne objectos de inestimável valor intrínseco e artístico, tanto de ourivesaria religiosa como civil. Imagens, cruces processionais, cálices, custódias, salvas e outros objectos que são primores de concepção e de cinzelagem, constituem o rico e esplendoroso recheio desta exposição”.

Destacamos do *Jornal de Notícias*, de 23 de Dezembro, a afirmação de que esta mostra vai ficar como “um acontecimento marcante nos anais citadinos”, e que a Exposição vai estar aberta ao público até ao dia 20 de Janeiro, de modo a assinalar 120 anos da data em que D. Maria II elevou a Vila de Viana da Foz do Lima à categoria de cidade, atribuindo-lhe o nome de Viana do Castelo. O *Primeiro de Janeiro*, do dia seguinte, diz que a Exposição continua a ser muito visitada e que “Viana do Castelo pode ufanar-se, com efeito, de albergar em seus muros tão formosa e alta expressão de gosto, de arte e cultura”.

A 27 de Dezembro, em *O Primeiro de Janeiro*, num texto intitulado *A Propósito de Exposições*, podemos ler: “Depois da exposição iconográfica em Agosto deste ano e da actual exposição de ourivesaria, fica demonstrado que Viana do Castelo dispõe de excelente capacidade para este género de realizações de arte. É verdade que o êxito destas exposições se deve, na sua maior parte, ao saber e ao querer de um homem a que a cidade já muito deve, sobretudo porque tem posto o seu esforço e o seu talento ao serviço da cidade graciosamente, sem outro fim que não seja o de a servir e exaltar as coisas da arte”.

Aníbal Alcino, *No Mundo das Artes*, no *Notícias de Viana* de 28 de Dezembro, escreve sobre “a maravilhosa exposição de Ourivesaria portuguesa” como “uma realização a todos os títulos notável. Tão notável que até ousou dizer que a actual *exposição de pratas*, que presentemente está situada nos antigos Paços do Concelho de Viana do Castelo, deveria correr o mundo como

mostra do que de melhor e de mais belo possuímos, neste capítulo, de uma ARTE ORNAMENTAL de tão nobres tradições em Portugal. Esta exposição de pratas organizada pelo Senhor Artur Sandão, foi a mais bem arrumada que vi até hoje. E dada a forma de como foi orientada, concebida e realizada – (*no esmero de todos os seus pormenores*) – deve ser salientada e apontada como das melhores exposições de ARTE que até hoje se realizaram em todo o nosso país, ou melhor ainda, em todo o mundo civilizado”. Continua o seu texto dizendo que podemos “contactar com obras de arte que só desta forma nos foi possível ver” uma vez “que grande parte delas estavam em casas particulares e são pertença de figuras, apenas, do conhecimento e da amizade pessoal do Senhor Artur Sandão”. Sublinha que estão expostas peças profanas e litúrgicas, desde o século XIV ao século XVIII e XIX, constituindo “um recheio artístico de valor incalculável. São custódias, cruces, relicários, estatuetas, salvas, etc”.

O jornal vianense *A Aurora do Lima*, de 29 de Dezembro, faz um primeiro balanço, dizendo que “excedeu todas as expectativas esta exposição magnífica, extraordinária, inédita entre nós (...) A exposição tem sido largamente visitada. Para a admirarem têm-se deslocado dezenas de pessoas de perto e de longe”. A Artur de Sandão, “há que agradecer-lhe e admirar-lhe tanto carinho, tanto saber, tanto trabalho e sacrifício dados com entusiasmo e, note-se, desinteressadamente, a favor da Arte, da Cultura, do bom nome de Viana do Castelo”.

Outro vianense, J. Agostinho da Conceição, no *República* de 8 de Janeiro de 1968, escreve: “Desde há muito tempo que os vianenses necessitavam de alguém com a craveira artística de Artur Sandão. De alguém que soubesse – acima de tudo que soubesse – movimentar em nível elevado o ambiente um tanto adormecido do meio – muito embora intimamente desejoso de algo que o agitasse, ânsia premente e louvável de gente que sabe o que é valor e melhor sabe pestanejar aos que tentam impingir-se por isso e mais não são do que arrumados no catálogo bafiento do balofo e zero simples. É que ao reconhecermos o dever de palavras sobre o recente trabalho deste incansável e mestre”. Continua umas linhas depois dizendo que

“Artur Sandão merece a mais justa atenção – e justíssima admiração – pelo muito que tem realizado para valorização artística de Viana do Castelo. Meticuloso, conhecedor profundo, apaixonado e desinteressadamente trabalhador na expansão da arte, do estudo, de tudo quanto signifique riqueza cultural, Artur Sandão bem merece o reconhecimento absoluto da cidade. É, sem sombra de dúvida, o homem que necessariamente tem de ser encorajado, subsidiado seja por quem for, para que Viana do Castelo não perca o ritmo deste nível artístico a que se está habituando. A exposição de Ourivesaria Portuguesa, hoje inaugurada, é qualquer coisa de extraordinário e orgulho absolutamente aceitável para uma cidade de província”. De seguida, transcreve na íntegra as páginas 19 a 33, do catálogo da Exposição, com preâmbulo da autoria de Artur de Sandão, o que faz com que o artigo ocupe quase toda a página 13 e mais de 1/3 da página 15. J. Agostinho da Conceição remata o seu texto salientando que “Viana do Castelo deve sentir-se orgulhosa por esta extraordinária exposição. E por isso é de desejar que o salão da antiga «Domus Municipalis» seja frequentado por todos quantos saibam e sintam que o belo é de admirar. E o trabalho. Porque toda a beleza exposta é trabalho – mãos e arte. De escolas técnicas, oficinas todos, enfim, que não têm apenas os olhos e a sensibilidade mas também as mãos para criarem”.

A 9 de Janeiro, a notícia do elevado número de visitantes, quase todos “de terras estranhas” surge no diário *O Primeiro de Janeiro*, que, três dias depois, escreve que os professores da escola de instrução primária elementar do Carmo, que leccionam a 5.^a e 6.^a classes, levaram cerca de sessenta alunos a visitar esta Exposição.

A Aurora do Lima, de 12 de Janeiro, apela a quem ainda não visitou a Exposição, não deixe de o fazer, pois “difícilmente poderão admirar idêntico certame nesta cidade, que tem despertado o maior interesse e alcançou extraordinário êxito, assinalado pelas muitas centenas de pessoas que já visitaram esta exposição, algumas das quais de longe de Viana e que aqui se deslocaram propositadamente para a ver”. Dois dias depois, *O Primeiro de Janeiro* diz que a maioria das peças expostas

pertencia a organismos ou a particulares do Alto Minho. No dia seguinte, *O Notícias de Viana* escreve: “Voltamos mais uma vez ontem, domingo, à Exposição de Ourivesaria Portuguesa (...) e ficamos verdadeiramente admirados com o número de visitantes que, ontem mesmo, quase um mês após a sua inauguração registou. Não restam pois qualquer dúvidas do êxito que a exposição tem constituído, como se verifica pelas centenas de pessoas que por lá passaram já. De entre elas muitas têm sido as pessoas que de outras terras sobretudo do Norte do país se deslocaram propositadamente para a visitar. Segundo foi anunciado, a exposição deverá encerrar no próximo dia 20. Porém, dada a afluência de visitantes que ainda regista, julgamos que deveria ser conservada aberta pelo menos até final do mês”. Sugerem à Fundação Calouste Gulbenkian patrocinadora do evento, a sua “repetição em outras localidades, pelo menos, em Lisboa e talvez no Porto”.

No dia 18 do mesmo mês *O Primeiro de Janeiro* informa que a Câmara Municipal deliberara que o encerramento do “esplendoroso certame” passasse a ser uma semana depois, ou seja, a 28 de Janeiro. No dia 24, o mesmo jornal e *O Notícias de Viana* do dia 25 lembram que o encerramento seria no domingo, dia 28.

Este certame continuou a ser divulgado em *O Primeiro de Janeiro* que, no dia 27, noticia que a “a magnífica exposição de ourivesaria, acontecimento que, neste género de propaganda aos valores artísticos, constituiu êxito fora do vulgar”, e, mais adiante, acrescenta que os muitos visitantes do “brilhante certame” foram “pessoas da melhor craveira social e artística”.

No dia do seu encerramento, o mesmo jornal voltou a escrever sobre esta “exposição memorável” onde se salientam “na parte profana as salvas” em número de vinte, “pela valia que representam em variedade e importância de desenhos e execução”.

O Notícias de Viana, um dia depois do fecho da Exposição, insere uma notícia com o título *Não Compreendemos*, questionando “a razão pela qual se conserva a juventude tão afastada das coisas de interesse cultural” a propósito do “encerramento da Exposição de Ourivesaria Portuguesa, que como toda a imprensa referiu, constituiu um êxito. Pois diferentes estabelecimentos

de ensino, Liceu, Escola Técnica, Magistério Primário e Colégios, existentes na cidade, nenhum promoveu visitas de estudo à referida exposição”. Apenas os alunos e professores das 5.^a e 6.^a classes da Escola Primária do Carmo a visitaram, o que é de lamentar, “pois por certo, idêntica possibilidade não surgirá tão cedo”. Noutra notícia, o mesmo jornal fala do encerramento, no dia anterior, da “magnífica” Exposição e que nesse dia se registara “a presença de maior número de visitantes, salientando-se o número de pessoas que, de outras terras, se deslocaram propositadamente para a visitarem”.

Uma vez mais, o diário portuense *O Primeiro de Janeiro*, do dia 30, noticia que encerrara a Exposição “depois de ter estado patente ao público durante cerca de quarenta dias. Tendo excedido em brilho, interesse e no número de visitantes as correntes exposições, permite-nos afirmar que encerrou em apoteose, pois no último dia, a despeito do tempo agreste que se fez sentir, registou quase três centenas de visitantes, na sua grande maioria de terras estranhas”. Dá mais uma vez um grande “louvor à Câmara Municipal na pessoa do seu presidente sr. Dr. Luís Monteverde, ao grande obreiro da exposição que foi o sr. Artur de Sandão e, porque nos parece justo, uma palavra de justo apreço ao funcionário do Museu Municipal, sr. Antero Filgueiras que, dia a dia, foi dando, aos interessados apreciáveis indicações em relação à idade, estilo e até ao aspecto genealógico dos seus donos, de todas e de cada uma das peças expostas”. No final informa que o número total de visitantes tinha sido de 2370.

No *Diário Popular* de 1 de Fevereiro, em *Livros escolhidos - Exposição de Ourivesaria Portuguesa, catálogo organizado por Arthur de Sandão*, o escritor Ruben Andersen Leitão, um dos promotores das Semanas de Música de Viana do Castelo, realizadas de 1965 a 1969, e por seu desejo, sepultado no cemitério da freguesia de Carreço, deste concelho, escreve: “Duas exposições do mais alto interesse fizeram parte da *III Semana Musical de Viana do Castelo*. A primeira exposição – que esteve aberta durante os acontecimentos musicais de Setembro – foi uma valiosa tentativa para a elaboração de um quadro da iconografia vianense. (...) Viana do Castelo, através do entusiasmo do dr. Luís Monteverde, tem correspondido a um centro de difusão cultural,

núcleo que produz trabalho certo, útil, cabeça de uma região impar no País. Estas duas exposições vincam bem o que é possível fazer-se no campo das actividades regionais, pólos que chamam, investigadores que tentam mostrar o que existe fora das capitais. Arthur de Sandão teve a seu encargo realizar e montar as duas exposições e produzir os catálogos. (...) Estou certo de que esta exposição ficará nos anais da cidade. Este catálogo é um prazer possuir, aprende-se pelo que vem escrito e pela imagem”.

No Suplemento Cultural de 8 de Fevereiro, do *Diário da Manhã*, Sellés Paes assina um artigo intitulado *Exposição notável*, referindo-se a esta mostra nestes termos: “Assim, exposições como esta, para além do valor sumptuário que possuem (até despertando justificada vaidade nos possuidores citados nos catálogos), alargam a olhos vistos o conhecimento do património nacional, ao mesmo tempo que avisam e educam os visitantes, amanhã novos colectores, possíveis colecionadores ou, melhor ainda, respeitadores de uma herança artística comum. Este carinho, este respeito e este gosto, que as exposições bem montadas tanto desenvolvem, estiveram por certo na mente do organizador do certame e da Câmara Municipal, que o patrocinou. Aí, quanto a nós, o mais franco motivo de aplauso. (...) Nós teríamos preferido, talvez, uma exposição circunscrita às colecções e ao património do distrito, já que isso permitiria inventariar as peças dentro de um espírito liminar de sistematização, (...) Que não tenha sido esse o critério seguido por Arthur de Sandão – eis o que em nada diminui o mérito desta exposição, que constitui um belo serviço prestado pela Câmara de Viana do Castelo ao desenvolvimento artístico nacional e ao culto das nossas coisas. Oxalá outras terras e outros museus lhe sigam o exemplo”.

Na mesma data, o *Notícias de Viana* menciona que, apesar de a exposição ter encerrado há mais de uma semana, ainda “no último sábado houve pessoas que se deslocaram de outras terras na esperança de visitarem a exposição”, uma vez que, “toda a Imprensa, regional e diária, a Rádio e Televisão, tiveram oportunidade de se lhe referir em termos destacados”. Assinala também que esteve “aberta ao público desde 20 de Dezembro a 28 de Janeiro, tendo registado quase três mil e qui-

nhentos visitantes segundo a contagem efectuada diariamente por um dos funcionários em serviço. Foram, neste lapso de tempo, vendidos trezentos e vinte catálogos tendo já posteriormente chegado a encomenda de mais”.

Não podemos deixar também de referir o texto lido por Artur Maciel, intitulado *Uma exposição de Ourivesaria em Viana do Castelo*, no programa *Horizonte, semanário de artes e letras*, da Emissora Nacional.

CONFERÊNCIA

Relacionada com esta Exposição, em 10 de Janeiro, o diário portuense *O Primeiro de Janeiro* noticiava a realização, na sexta-feira seguinte, dia 12, pelas 21-45 horas, de uma conferência intitulada *Cultura e Sumpuária*, proferida pelo Professor Doutor Vitorino Nemésio.

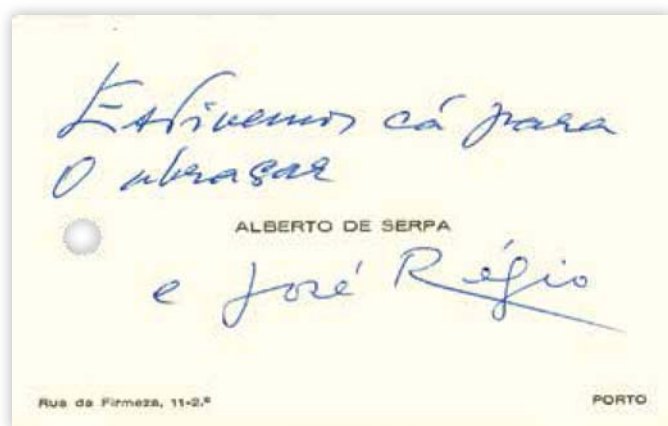
O mesmo jornal, quatro dias depois, sobre o título *Conferência Notável*, registava que a sala de leitura da Biblioteca Municipal estava nessa sexta-feira repleta com “um público de escol” da cidade e distrito, para ouvir a conferência de Vitorino Nemésio. Presidiu à sessão o Governador Civil do Distrito, ladeado pelo Presidente da Câmara, Presidente da Comissão Distrital da União Nacional e Deputado dr. Araújo Novo, Monsenhor Daniel Machado, Vigário Episcopal, Reitor do Liceu, Juiz da Comarca, Comandante Militar e o Vereador da Cultura, Artur de Sandão, que apresentou o conferencista do qual “traçou a biografia e o talento com recortes literários, em termos próprios dos seus inegáveis recursos”. Seguidamente, Vitorino Nemésio “produziu uma lição, no significado directo da expressão, acerca da evolução da arte decorativa, quer profana, quer litúrgica, através de todos os tempos, em perfeita harmonia com a evolução social, económica e política das várias gerações”. Encerrou a sessão o Governador Civil, “que disse do seu encanto espiritual, que era afinal, o encanto espiritual de todos os presentes, ao ouvir o magistral trabalho do conferente”. No final, Vitorino Nemésio foi muito aplaudido e cumprimentado por todos os presentes. O *Jornal de Notícias*, do mesmo dia 14, também se referiu à conferência. No

dia seguinte, o *Diário da Manhã* também escrevia sobre a palestra proferida por Vitorino Nemésio em Viana do Castelo. Do *Notícias de Viana*, desse mesmo dia 15, retiramos que como “ninguém duvidava dos vastos recursos do conferente, a sala da Biblioteca encheu-se de um público que representava a nata, ou fina flor, da gente de Viana e da região, culturalmente falando”. O *Comércio do Porto* do dia seguinte, em notícia assinada por Severino Costa, também aborda em termos idênticos a conferência. A *Aurora do Lima* do mesmo dia 16 diz que como se previa a conferência *Cultura e Sumpuária*, pelo Professor Doutor Vitorino Nemésio, “foi uma admirável lição, escutada atentamente por numerosa e selecta assistência que, no final, lhe tributou longa e calorosa salva de palmas” uma vez que segundo o jornalista esta conferência “foi, sem dúvida, uma das mais notáveis proferidas nesta cidade e, que, por isso ficará na memória de todos os que puderam a ela assistir”.

VISITANTES

Do material constante na pasta número doze, ficamos a saber em pormenor o número de visitantes da Exposição, apresentados neste quadro.

Dia	Visitantes	Dia	Visitantes	Dia	Visitantes
20/12/1967	250	3/01/1968	28	17/01/1968	35
21/12/1967	68	4/01/1968	28	18/01/1968	36
22/12/1967	80	5/01/1968	24	19/01/1968	38
23/12/1967	39	6/01/1968	60	20/01/1968	53
25/12/1967	116	7/01/1968	151	21/01/1968	152
26/12/1967	56	9/01/1968	37	23/01/1968	26
27/12/1967	29	10/01/1968	66	24/01/1968	37
28/12/1967	43	11/01/1968	28	25/01/1968	36
29/12/1967	69	12/01/1968	38	26/01/1968	34
30/12/1967	83	13/01/1968	65	27/01/1968	94
31/12/1967	124	14/01/1968	218	28/01/1968	256
2/01/1968	36	16/01/1968	30	TOTAL	2563



Alberto de Serpa e José Régio, visitaram a Exposição.

Refira-se a título de curiosidade que quem fez a soma do número de visitantes, no papel onde encontramos estes dados, provavelmente por engano, escreveu no total 3178, e não, como devia, 2563. Lembremos que *O Primeiro de Janeiro*, do dia 30 de Janeiro, apontava o número total de visitantes como sendo de 2370, enquanto que o *Notícias de Viana*, de 8 de Fevereiro, registava quase 3500 visitantes. Pensamos contudo que os números mais fiáveis serão os que apresentamos neste quadro.

De entre as muitas pessoas que visitaram a Exposição, destacamos Alberto de Serpa e José Régio, como se comprova pelo cartão deixado por estes dois escritores, aquando da sua visita, em que não se encontraram com Artur de Sandão. (Figura 3)

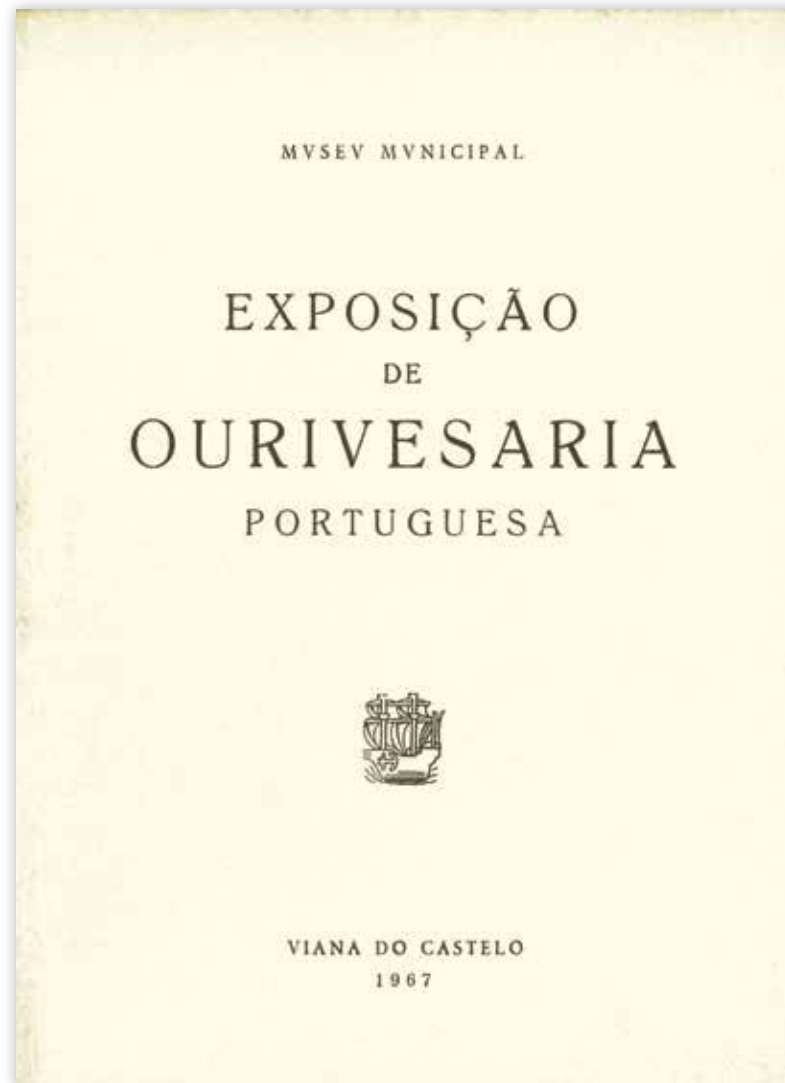
CATÁLOGO

Sobre a Exposição foi editado um catálogo (Figura 4), subsidiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, com uma edição de 750 exemplares numerados e rubricados por Arthur Sandão, que também assina o preâmbulo e a descrição das 115 peças expostas, valorizadas por 52 fotografias das mesmas. Destes catálogos, foram oferecidos 50, a diferentes pessoas e organismos, e 354 foram vendidos, segundo cremos, durante a Exposição.

Os pedidos para a aquisição de catálogos surgiram de particulares, de instituições e de livrarias. Nos registos consultados encontramos as seguintes encomendas: a Livraria Portugal, de Lisboa, pediu dois catálogos em 9 de Janeiro, dez, em 13 de Janeiro e outros dez, em 2 de Março; a Livraria Lemos, de Guimarães, encomendou quatro exemplares, em 19 de Janeiro, três, a 27 do mesmo mês, dois em 6 de Março, e mais dois no dia 22; a Livraria Parceria A. M. Pereira, de Lisboa, pediu um catálogo em 3 de Fevereiro, cinco, no dia 16, mais cinco em 9 de Março e por fim, três em 19 do mesmo mês; a Livraria Bertrand, de Lisboa, solicitou dez catálogos em 3 de Fevereiro, e igual número em 7 de Março; a Livraria Barata, de Lisboa, pediu cinco catálogos em 1 de Março e ainda em 23 de Outubro a Livraria Ferin, de Lisboa, pedia um exemplar. Contudo, foi a Livraria Fernando Machado, do Porto, que adquiriu o maior número de exemplares, 104 no total, pelos quais pagou a quantia de 4160\$00, em 4 de Abril de 1968, o que nos permite concluir que cada catálogo foi vendido a 40\$00.

Por ofício de 26 de Abril de 1968, Armando Carneiro da Silva, bibliotecário da Biblioteca Municipal de Coimbra, solicitava à edilidade vianense a cedência àquela biblioteca de um exemplar do catálogo. Artur de Sandão respondeu-lhe, lamentando “ não poder satisfazer o pedido que V.Ex.^a teve a gentileza de formular, por já estar esgotada a edição do catálogo de Ourivesaria Portuguesa”. Ou seja, em pouco tempo o catálogo esgotou.

Também por carta, o *Ibero-Amerikanisches Institut*, com sede em Berlim, Alemanha, solicitava à Câmara Municipal de Viana do Castelo, a 27 de Março de 1968,



Capa do Catálogo da Exposição de Ourivesaria Portuguesa. 1967.

a “possibilidade de ser-nos enviado um exemplar” do catálogo, com “carácter de doação visto ser nossa instituição de carácter público e nosso serviço é difundir a cultura ibero-americana”. Referia ainda que na secção portuguesa existiam 17000 volumes, livros e publicações especializadas da literatura portuguesa.

Assim, volvidos quase 50 anos da sua realização, pelo destaque que a imprensa lhe deu, por ter originado a vinda a esta cidade do Professor Doutor Vitorino Nemésio para fazer uma conferência, pelas pessoas que a visitaram oriundas de diferentes localidades e ao folhearmos o catálogo, damo-nos conta da importância de que se revestiu esta Exposição de Ourivesaria Portuguesa, efectuada não em Lisboa ou no Porto, mas numa pequena cidade, Viana do Castelo.

António José Barroso